

## AVENTUREIROS, DESCOLADOS E TATUADOS: IDENTIDADE E DIFERENCIAÇÃO DOS VIAJANTES NO UNIVERSO DA CULTURA MATERIAL

Lucas Gamonal Barra de Almeida<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**RESUMO:** O corpo tem múltiplos sentidos e é um significativo meio de comunicação em nosso universo simbólico. Na formação das representações a ele atreladas, as tatuagens emergem enquanto códigos sociais ligados às identidades e às diferenciações almejadas. Nesse sentido, com base nos estudos de comunicação e da cultura material, observamos como as marcas gravadas na pele, especialmente as associadas às viagens, se tornam registros de experiências, construtores de vinculações e até mesmo objetos com valores distintivos. Neste estudo, há ênfase para a compreensão das tatuagens como narrativas turísticas e enquanto relatos alinhados a um status social — como objetos da cultura material, as marcas corporais tornam-se lembranças e, em associação no contexto do turismo, souvenirs. Assim, com viés qualitativo e de modo exploratório, analisamos cinco publicações em sites e blogs ligados aos temas em exame, de modo a melhor elucidar esses debates acerca das subjetividades. Como resultados, vemos que os ícones e textos na pele buscam revelar uma imagem associada à coragem, liberdade e cosmopolitismo, e que isso ainda repercute em influência para outras pessoas.

**Palavras-chave:** corpo; cultura material; tatuagem; viagem.

## ADVENTURERS, COOL AND TATTOOED: IDENTITY AND DIFFERENTIATION OF TRAVELERS IN THE UNIVERSE OF MATERIAL CULTURE

**ABSTRACT:** The body holds multiple meanings and serves as a significant means of communication in our symbolic universe. In the formation of representations attached to it, tattoos emerge as social codes linked to identities and the desired differentiations. Based on studies of communication and material culture, this research examines how marks etched on the skin, particularly those associated with travel, become records of experiences, builders of connections, and even objects with distinctive values. This study emphasizes the understanding of tattoos as tourist narratives and as accounts aligned with social status — as objects of material culture, body marks become souvenirs and, in the context of tourism, mementos. Thus, adopting a qualitative and exploratory approach, we analyze five publications from websites and blogs related to the themes under examination, aiming to shed light on these debates about subjectivities. The results indicate that the icons and texts on the skin seek to reveal an image associated with courage, freedom, and cosmopolitanism, and that this continues to have an influence on others.

**Keywords:** body; material culture; tattoo; travel.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharel em Turismo e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [lucasgamonal@hotmail.com](mailto:lucasgamonal@hotmail.com)

## AVENTUREROS, DESENFADADOS Y TATUADOS: IDENTIDAD Y DIFERENCIACIÓN DE LOS VIAJEROS EN EL UNIVERSO DE LA CULTURA MATERIAL

**RESUMEN:** El cuerpo posee múltiples significados y es un medio significativo de comunicación en nuestro universo simbólico. En la formación de las representaciones asociadas a él, los tatuajes emergen como códigos sociales ligados a las identidades y las diferenciaciones deseadas. En este sentido, basándonos en los estudios de comunicación y cultura material, observamos cómo las marcas grabadas en la piel, especialmente aquellas asociadas a los viajes, se convierten en registros de experiencias, constructores de vínculos e incluso objetos con valores distintivos. Este estudio pone énfasis en la comprensión de los tatuajes como narrativas turísticas y como relatos alineados con un estatus social — como objetos de la cultura material, las marcas corporales se transforman en recuerdos y, en el contexto del turismo, en souvenirs. Así, con un enfoque cualitativo y exploratorio, analizamos cinco publicaciones en sitios web y blogs relacionados con los temas examinados, con el fin de aclarar mejor estos debates sobre las subjetividades. Los resultados indican que los íconos y textos en la piel buscan revelar una imagen asociada a la valentía, la libertad y el cosmopolitismo, lo que continúa teniendo influencia en otras personas.

**Palabras-clave:** cuerpo; cultura material; tatuaje; viaje.

### Introdução

Observar o cotidiano é algo revelador para projetarmos os contornos das sociedades das quais fazemos parte. Nesse sentido, a partir de uma perspectiva dos estudos culturais — considerando uma abertura à diversidade e às dinâmicas do existir em permanente processo de transformação — voltar os olhares para as imagens, os corpos e as representações simbólicas nos ambientes midiáticos contemporâneos é fundamental. Essa será a estratégia adotada para a construção das reflexões propostas neste trabalho.

Por meio de um olhar peculiar das ciências sociais, especialmente da comunicação e da antropologia, objetivamos compreender questões em torno da cultura visual e digital, mais especificamente as relações dos corpos tatuados com sentidos atrelados às viagens. Para tanto, abranger a natureza dos objetos também é essencial, justamente para que possamos avaliar os vínculos e as interações entre as pessoas. Conforme Miller (1994), utilizar os pressupostos da antropologia cultural é fundamental para se observar os aspectos culturais como constitutivos da vida social. Isso implica pensarmos as centralidades nas ações dos objetos, que possuem forte poder de agência e significação.

Com este estudo, buscamos apreender a existência de um código comum nas narrativas da estetização de si e os ideais envoltos nas expressões representadas por tatuagens. No material em análise, coletado em blogs e sites, as marcas na pele são relacionadas ao universo dos deslocamentos livres, vinculados ao lazer. Assim, tentaremos entender o que as palavras,

frases, ícones e símbolos mais recorrentes representam para os sujeitos — ou o que desejam que comuniquem para a sociedade.

Há ênfase para a dicotomia entre transitoriedade e permanência, na medida em que as tattoos são marcas eternizadas na epiderme, mas que aludem a um caráter do tempo presente, ou do momento a que dizem respeito. Conforme Ferreira (2017, p. 215), “num constante jogo dialético entre permanência e mudança, cada ato de modificação corporal através da encarnação de uma nova tatuagem, é um gesto de confirmação e celebração da coerência e continuidade de <<si próprio>> na sua <<diferença>>”. Por esse prisma, marcamos o ato de se tatuar também como um demarcador de identidades (em fluxo constante).

Uma significativa quantidade de símbolos baliza nossa existência. Como caracteriza Bauman (1999), enquanto a sociedade antecessora tinha grande preocupação em produzir, no contemporâneo o cerne das ansiedades está em consumir. E os variados itens ligados ao consumo se multiplicam rapidamente, todos os dias, fortalecendo o caráter transitório de suas significações. Não se trata de realizar uma leitura moralizante sobre o consumo, entretanto, igualmente podemos assinalar que, ainda que de modo inconsciente, os indivíduos parecem dispostos a serem seduzidos por esse acelerado maquinário de fabricação de emblemas do capitalismo e o bom funcionamento desse mecanismo de condicionamento é parte da necessária manutenção da sociedade da qual tratamos aqui, caracterizada pela fugacidade.

Nesse sentido, ao escrever um artigo que reflete a representatividade dos objetos em nossa cultura, especialmente com relação aos corpos, surge um ponto de conflito: se o elevado número de significantes se multiplica dia após dia e, com isso, os símbolos tornam-se efêmeros, uma vez que logo serão substituídos por uma novidade que melhor se adapta aos anseios daquele momento, como pensar o ideário da representação de uma experiência em caráter permanente, por meio da tatuagem? Essa é um dos questionamentos que pautam a construção de nossas reflexões e será tensionado.

Pesquisadores como Arthur Asa Berger, Tim Dant, Daniel Miller, Arjun Appadurai, Grant MacCracken e Igor Kopytoff — referências para os estudos de cultura material — pontuam ser fundamental voltarmos a atenção para os objetos a fim de melhor compreender as sociedades; na realidade, trata-se de condição fundamental para isso. Conforme afirmam, é impossível dissociar nossa existência do variado conjunto de objetos que nos cercam e aos quais, muitas vezes, damos vida. Dant (2006) caracteriza que vivemos com as “coisas” e Miller (1994) que os estudos em materialidade exploram a conexão entre artefatos e relações sociais.

Essas noções dão base aos objetivos do trabalho e evidenciam uma possível pergunta que será antecipadamente respondida. Podemos considerar as tatuagens como elementos

componentes da referida cultura material? Embora não exista argumento único para responder a interrogação, partiremos de um entendimento das marcas corporais enquanto símbolos representativos, “adicionáveis” às peles, e que podem ser removidos ou cobertos, de acordo com o desejo das pessoas. Assim, se adequam aos pressupostos da materialidade com os quais trabalharemos, uma vez que projetam significados e tratam das relações afetivas entre o eu e as coisas.

Para elucidar os caminhos trilhados para a construção do texto, é importante abordar os procedimentos e técnicas adotados. Primeiramente, será realizada uma revisão de literatura, alicerçada em teorias da comunicação e das ciências sociais, maiormente, além de uma pesquisa exploratória em blogs e sites que dialoguem com as temáticas centrais do artigo, as viagens e as tatuagens, a fim de examinar os sentidos evocados com as artes corporais. Para isso, nos guiamos por uma análise interpretativa do conteúdo, a qual se pautará em um olhar crítico para as imagens e as narrativas expostas no ambiente digital.

### **Cultura material, imagens e representações**

A caracterização de nosso sistema social enquanto uma civilização das imagens é vastamente abordada por muitos pensadores, principalmente os críticos da sociedade do espetáculo — noção cunhada por Debord (2005). Arelada a essa projeção, temos um ideário apocalíptico, pois Calvino (1990) associa isso à argumentação sobre uma perda da capacidade de imaginar e narrar pela qual a humanidade passa, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Os sujeitos estariam deixando desaparecer a aptidão de contar histórias, uma vez que se encontram presos à realidade das inúmeras e poderosas imagens pré-fabricadas.

Todavia, se observarmos a linha do tempo de nossa existência, miramos que as imagens sempre estiveram associadas ao contato dos seres humanos com o mundo, principalmente como materialidade explicativa de nossos contextos e como forma de deixar registros no percurso do tempo, intencionalmente ou não (a arte rupestre é um exemplo frequentemente quando se trata disso). Sendo assim, há grande complexidade nesse emaranhado de sentidos em torno das imagens. Atualmente, a ubiquidade da tradição digital expõe de modo ainda mais evidente essa força do campo visual.

Os conceitos sobre a cultura material permitem dizer que é possível “ler” uma cultura a partir de sua produção material, uma vez que os objetos e artefatos dão a ela concretude e, além disso, comunicam crenças, valores e sentidos (Berger, 2016). Anteriormente ao pensamento acerca da materialidade, talvez os indivíduos enxerguem suas figuras (reais e mentais) e, por

isso, importa aliar esses debates para a construção de análises relevantes sobre o aspecto comunicacional da cultura — em especial da cultura material.

Nesse contexto, é proeminente apontar a definição de cultura da qual Berger (2016) se apropria para melhor explicar seu entendimento sobre os contornos das complexidades que envolvem a materialidade:

Um nome coletivo para todos os padrões de comportamento socialmente adquiridos e transmitidos por meio de símbolos, além de um nome para todas as realizações de grupos humanos, incluindo não apenas itens de linguagem, fabricação de ferramentas, indústria, arte, ciência, lei, governo, moral e religião, mas também os instrumentos e materiais ou artefatos nos quais realizações culturais ganham corpo e pelos quais são dados efeitos práticos a traços culturais intelectuais, como edifícios, ferramentas, máquinas, equipamentos de comunicação, objetos de arte, etc. (Fairchild, 1966, p. 80 *apud* Berger, 2016, p. 17, tradução nossa).

O trecho reafirma a centralidade da civilização das imagens da qual tratamos e evoca a expressão “civilização material”, de Dant (2006). Pensando em estudos sociais de tecnologia e sociologia do consumo, o pesquisador indica que as relações sociais e culturais entre indivíduos nas sociedades da modernidade tardia poderiam parecer, mais do que em qualquer tempo anterior, mediadas pelos objetos materiais e, em vez de argumentar que as tecnologias estão determinando a vida social, aponta para o crescimento da presença e importância de nossa vida material na constituição do que a sociedade e a cultura são. Ademais, o conceito selecionado por Berger enfatiza a multiplicidade representativa de nossa cultura e aponta para a relação com a ideia de ordenamento, descrita por Miller (1994). A antropologia, o campo em que se situa o autor, permite um olhar de melhor compreensão sobre o assunto e, para ele, conforme ordenamos as coisas, damos valor e significado a elas.

Com base nessas descrições, podemos elaborar uma junção das considerações dos pensadores, especialmente Berger e Miller. Em primeiro lugar, tratamos as seis abordagens teóricas pelas quais Berger (2016) propõe diferentes perspectivas para se compreender a cultura material. São elas: a psicanálise freudiana (1), a semiótica (2), a sociológica (3), a teoria econômica e marxista (4), a teoria cultural (5) e a teoria arqueológica (6).

Na construção de nossas associações dos conceitos, daremos enfoque para a chamada teoria cultural, por abordar notadamente a produção e troca de significados entre membros de uma sociedade ou grupo. Do mesmo modo, a escolha se dá porque o autor se baseia nas ideias de Hall (1997) para elaborar seus argumentos, destacando que:

Primeiramente, cultura se concentra na produção e troca de significados... entre membros de uma sociedade ou grupo... A ênfase nas práticas culturais é importante. É participante em uma cultura que dá significado a pessoas, objetos e eventos. Coisas “nelas mesmas” raramente têm, e se têm um só significado, fixo e imutável... É pelo nosso uso das coisas, e o que dizemos, pensamos e sentimos sobre elas — como as representamos — que damos a elas significado [grifo do autor] (Hall, 1997, p. 2-3 *apud* Berger, 2016, p. 102, tradução nossa).

As reflexões trazidas para a arena de debates desse artigo implicam no exercício de ir além. Hall (2013) nos diz que a representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura, pois envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas. Essa definição do teórico jamaicano coloca em relevo pontos já abordados, principalmente quando tratamos a importância do constructo social e cultural dos sujeitos para a sua leitura das projeções, já que “pertencer à mesma cultura” significa compartilhar dos mesmos mapas conceituais (Hall, 2013). Igualmente, destaca a centralidade dos signos e imagens em nosso universo de representações.

Hall (2013) ainda discute que o sentido depende da relação entre as coisas no mundo e do sistema conceitual, que pode operar como representação mental delas. Para ele, “o principal ponto é que o sentido não é inerente às coisas, no mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa — uma prática que produz sentido, que faz as coisas significarem” (Hall, 2013, p. 24, tradução nossa).

Dessa forma, a fim de nos aproximarmos do objeto central de análises nesse estudo e amarrar os debates teóricos empreendidos, encerramos as reflexões dessa seção com as análises de Miller (1994) sobre as coisas, as pessoas e o tempo. O antropólogo fala sobre como os indivíduos se relacionam com os objetos, considerando a passagem temporal e, para isso, traz três noções principais: sobre longevidade, identidade temporal e transitoriedade, melhor descritas abaixo.

Para examinar o relacionamento entre o significado dos artefatos e temporalidade, três situações serão exploradas. Na primeira, o artefato, ou pelo menos o que o artefato representa, dura mais que as pessoas e assim torna-se o veículo pelo qual tentam transcender seus próprios limites temporais. Na segunda situação, há uma equivalência temporal entre pessoas e artefatos que tendem a emergir questões de representação. Na terceira, artefatos são considerados relativamente efêmeros quando comparados a outras pessoas, e o foco é então na maneira na qual a identidade é carregada pelo fluxo de transformar as coisas (Miller, 1994, p. 409, tradução nossa).

A inclusão dessas análises é uma provocação, pois, se pensamos as tatuagens enquanto artefatos inseridos nos próprios corpos, qual das três delimitações apontadas por Miller (1994) devemos considerar em nosso campo de exploração? Respondemos ao questionamento, ainda que sem trazer um soluto, por meio das três noções.

Primeiramente, temos que, se não for alterada ou apagada, a tatuagem resistirá na pele mesmo após a morte do sujeito e, portanto, transcenderá o limite da existência (embora provavelmente não continue à mostra e, dessa forma, a evocar sentidos da representação). Em seguida, sobre a equivalência temporal entre objeto e pessoas, temos a situação que tende a mais se adaptar às nossas análises, uma vez que, caso persista durante toda a vida do sujeito, a



tatuagem permanecerá evocando sentidos sobre a sua constituição e, caso seja substituída ou extinta, revelará a mudança pela qual se passou. Por último, tratando de quando os objetos são mais efêmeros que as pessoas, retomamos ao ponto da rapidez com que os símbolos-referência se reproduzem e se alteram, além do caráter passageiro da pós-modernidade. O que o apagamento da arte corporal poderia nos dizer? É possível que esses registros possam ser trocados ou apagados.

A partir da explanação a respeito da centralidade das imagens no contexto da cultura material e a relevância desse entrelaçamento de ideias para a compreensão das representações sociais, passamos a uma contextualização sobre corporeidade, antropologia das emoções e identidades, já refletindo sobre as tatuagens ligadas ao universo das viagens e dos viajantes.

### **Viagens, tatuagens e emoções**

Abordar questões referentes aos nossos corpos trata-se de grande desafio, uma vez que ao longo dos tempos nos acostumamos a cobri-los e a nos esquivar de maiores exposições. Há algum tempo, no entanto, é possível observar uma mudança em processo, muito amparada por desconstruções de tabus religiosos, das leis, de noções morais e outras esferas condicionantes do comportamento humano. Desse modo, é possível dizer que houve um afrouxamento do corpo social.

Para pensar o corpo como território dos sentimentos, é necessário ir além da epiderme. Conforme o estado da arte, o interesse acadêmico sobre as corporeidades cresceu nas últimas três décadas. As pesquisas possuem distintos olhares e, de forma principal, estão ora preocupadas com aspectos biológicos, ora incluídas nos debates do campo social, em sua ampla rede de observações possíveis.

Refletir sobre o corpo é, sobretudo, pensar em princípios de nossa formação como indivíduos em sociedade. Mauss (2003, p. 407) afirma que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem”. Ao abordar o termo instrumento, reflete acerca das ações humanas no tempo e no espaço por meio de seu “mais natural objeto técnico”. Le Breton (2007, p. 7) completa a noção de centralidade do corpo e afirma que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. Assim, importa trazer à tona que as noções em relação ao conjunto de técnicas corporais vão além do dito como natural ou espontâneo, uma vez que o contexto cultural tem forte papel na aquisição e manifestação dos *habitus*<sup>2</sup>. Le Breton faz análises nesse sentido:

---

<sup>2</sup> Mauss utiliza o termo em latim, pois afirma que dessa forma a palavra exprime melhor a noção do que é adquirido. Em suas palavras: “Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. (Le Breton, 2007, p. 7).

Dentre as considerações do pesquisador francês, se destaca uma dimensão cara às análises aqui propostas, além do que foi relacionado ao *habitus*: a emoção. Como descrevem Rezende e Coelho (2010, p. 25), “[...] as emoções são consideradas fenômenos que acontecem no corpo, tanto em função de sua origem quanto também de suas manifestações”. Nesse trajeto, vale marcar a origem de nossas observações: partimos de uma perspectiva ocidental moderna, com concepções acerca do corpo e do indivíduo historicamente construídas. Em conjunturas distintas, as manifestações dos sentimentos podem revelar outros sentidos e associações, incoerentes com nossas visões do mundo.

A linguagem — verbal e corporal — possui suma importância para as reflexões sobre a manifestação das emoções. Retomando os apontamentos de Mauss (2003, p. 408), temos que “tudo em nós é imposto” e que há “[...] um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não”. Uma vez mais é salientada a influência da coletividade na forma como ocorre a expressão dos sentimentos — em outras palavras, a força da cultura.

Enquanto em alguns contextos a emoção pode ser desvalorizada ou até mesmo reprimida, em outras circunstâncias revela-se com feição positiva, por estar conexa à criação e à autenticidade. Podemos dizer que ela demarca fronteiras da subjetividade. Nessa abordagem sobre os sentimentos, a memória se apresenta como mais um aspecto importante para nossas reflexões, justamente por ser bastante expressiva, além de balizada por silenciamentos e conflitos internos.

A memória está diretamente relacionada ao esquecimento. Dessa forma, com os diferentes registros aos quais temos acesso, desejamos criar um suporte temporal capaz de romper ou minimizar o ideário da finitude — noção que nos faz lembrar as discussões abordadas ao fim da seção anterior, com base nas ponderações de Miller (1994). A respeito das modificações corporais, em especial da tatuagem, importa pôr em relevo que as inscrições sobre a epiderme buscam aproximar-se do eterno, embora os contrastes possam diminuir com o tempo e já exista tecnologia capaz de apagá-las, mesmo que deixando cicatrizes.

Enquanto rastros do passado, esses registros da memória ainda dão sentido às configurações da identidade. Pollak (1992) analisa que, sobretudo, a memória é seletiva e um

---

com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios” (2003, p. 404). Embora haja paralelos com o *habitus* de Pierre Bourdieu, não é a este que nos referimos.



fenômeno socialmente construído. Além disso, relaciona-se diretamente à constituição da identidade — individual e coletiva — “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 204).

Somando-se a essas definições os princípios de que a identidade é fluida e negociável (Bauman, 2005), além de relacional e demarcada por símbolos (Woodward, 2007), compete questionarmos, especificamente pensando as representações e memórias junto à pele: ao realizar uma transformação corporal como a tatuagem, por que o fazem e como o fazem? O que as palavras, frases, ícones e símbolos representam? A que narrativas e discursos estão ou podem ser associados?

Siqueira (2015) caracteriza que expressar as emoções também é um evento de comunicação. Nesse sentido, visualizamos o corpo como uma tela: por meio da tatuagem há imagens e textos que se sobrepõem na formação de um palimpsesto<sup>3</sup> emocional, inscrevendo as representações das viagens enquanto memórias “eternas”. No viés da liquidez baumaniana, as pessoas que fazem tatuagens parecem estar na contramão, por conta da possibilidade de imprimir certa permanência ao efêmero (Almeida, 2006). Por esse prisma, ainda é destaque a importância dada à construção de um corpo singular e as diversas modificações possíveis podem ser vistas enquanto maneiras de o indivíduo destacar sua presença, marcando subjetividades para além da estetização de si (Le Breton, 2004; Almeida, 2006).

Se expressar as emoções deixa de ser algo negativo e passar a fazer parte da história cultural das sociedades, os corpos tatuados se inserem nas construções de si e tornam-se uma prova da afetividade de nossa presença no mundo. “Assim como a existência é afetiva, ela também é corporal. O corpo, seus gestos e as palavras materializam a emoção”, delineia Siqueira (2015, p. 17), igualmente abarcando que “não basta sentir, é preciso, em sociedade, mostrar e representar o que foi sentido de modos específicos” (Siqueira, 2015, p. 20).

No emaranhado de relações entre viagens, imagens e memórias, a metáfora elaborada por Gomes pensando questões sobre as linguagens e o urbano bem expõe a sobreposição de lembranças e representações que pode se projetar sobre os corpos: “Lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e ‘escritas’, onde estratos prévios de codificação cultural se acham ‘escondidos’ na superfície, e cada um espera ser ‘descoberto e lido’” (Gomes, 2008, p. 84). Logo, refletimos sobre a construção de uma pele palimpséstica,

---

<sup>3</sup> O significado elementar da palavra, encontrada nos dicionários, traz a seguinte definição para o termo: “papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro”. O conceito será retomado e seus sentidos ampliados, seguindo as análises de Gomes (2008).

carregada de simbolismos análogos, projetados na camada em exibição, a epiderme. Reiteramos as ideias principais para ampliar nossos debates e suscitar reflexões: se pensamos o corpo como um livro de registro das viagens, a tatuagem marca histórias — de experiências e de emoções — e as narram sobrepostas. Portanto, as tatuagens são rastros de memórias que, ao serem registradas na pele, não se quer suprimir. Considerando no contexto digital aqui em realce, centrado em imagens e na ideia de influenciar, o ideário é oposto: exaltar.

O filósofo De Botton (2012, p. 17) pondera que “se nossas vidas são dominadas pela busca da felicidade, talvez poucas atividades revelem tanto a respeito da dinâmica desse anseio — com toda a sua empolgação e seus paradoxos — quanto o ato de viajar”. Assim, a partir do arquivo de uma experiência em que a tatuagem se torna para o viajante, podemos referenciar a melancolia no relato da qual Benjamin (2004) trata. Isso pois, ao vivenciar a viagem, algo se perde imediatamente — afinal, a vivência é delimitada física e temporalmente — e essa nostalgia aponta justamente para a consciência da falta que se forma no lugar. Muitos dos relatos dos quais trataremos a seguir têm um caráter nostálgico e exaltam as experiências de deslocamento como extremamente positivas e marcantes. Um valor consolidado quando se trata de narrar a viagem.

### **As tatuagens como inspirações em sites e blogs de viagens**

Com o objetivo de explorar as ocorrências do que foi aqui caracterizado com os pressupostos teóricos, selecionamos cinco sites e blogs relacionados aos universos das viagens. Foram eles: Mochileiros.com; Viajoteca; Malas pra que te quero; Vem pra ver; e Dicas de Mulher. A lista de resultados foi obtida por meio de pesquisa no buscador Google, utilizando as palavras “tatuagens de viagens”, em maio de 2024. À época, se tratavam dos resultados listados nas primeiras páginas do buscador e que mais se associavam aos interesses de nosso estudo.

A partir disso, as observações aqui expostas serão elaboradas por meio de uma análise interpretativa do conteúdo, com base nas teorias da representação, articuladas por Hall (2013). As publicações selecionadas têm como ponto de interseção o trabalho de composição de listas com “inspirações” de tatuagens relacionadas às viagens. Buscamos, então, examinar quais símbolos, discursos, imagens e status são mais comumente projetados com as apresentações que esses textos influenciadores concebem.

Para iniciarmos a abordagem, alguns dos títulos das publicações já são sintomáticos em relação aos sentidos que evocam. Alguns exemplos são “Mais de 50 ideias de tatuagens para quem ama viajar”; “20 tatuagens para amantes de viagens”; e “50 fotos de tatuagem de viagem

para quem é apaixonada pela estrada”. Há relevo para o amor e a paixão como sentimentos que carregam expressividade. Em uma primeira leitura, podemos dizer que marcar a pele em razão de uma viagem é uma atitude passional.

As imagens ilustrativas dessas publicações, enviadas por colaboradores ou capturadas em outras bases de dados não citadas, trazem, com maior frequência, os seguintes elementos: meios de transporte, como aviões, balões, barcos, bicicletas e carros; bússolas, coordenadas geográficas, globos terrestres, mapas e rosas dos ventos; carimbos de passaportes, datas, malas, mochilas e placas de rodovias; skylines e monumentos urbanos; pássaros e, por muitas vezes, palavras em inglês e alemão, como *“believe”*, *“freedom”*, *“travel”* e *“wanderlust”*, que poderiam ser traduzidas livremente para o português como “acredite”, “liberdade”, “viagem” e “desejo de viajar”. Algumas das publicações examinadas inclusive organizam os textos em categorias associadas a esses elementos.

**Figura 1:** Ilustrações de tatuagens mencionadas e categorizadas em “pontos turísticos”.



Fonte: Disponível em: <https://vempraver.com.br/tatuagens-para-amantes-de-viagens>. Acesso em: 28 mai. 2024.

O texto de apresentação das tatuagens traz: “Escolha os pontos turísticos mais bacanas por onde você já passou e mande a ideia para o seu tatuador favorito. Definitivamente, a Torre Eiffel é um dos mais tatuados!”. Nesse sentido, observamos a importância da experiência vivida e os marcadores sociais dos imaginários coletivos, uma vez que a Torre Eiffel, ícone parisiense, figura entre os símbolos mais recorrentes.

A expressão germânica *“wanderlust”* e outros elementos que compõem a ideia de

explorar o mundo, como com as palavras “*freedom*” e “*adventure*”, são frequentes. Na legenda da Figura 2, a viajante afirma se tratar de seu maior sentimento. Em tradução livre, a expressão remete ao “desejo de viajar”. Uma vez mais, trata-se de uma emoção que mobiliza. Não apenas para os deslocamentos ao redor do mundo, como para o registro de tal afeto na própria pele. O texto no blog *Vem pra ver* aponta: “Você sabe o que quer dizer Wanderlust? Essa palavrinha muito tatuada pelos amantes de viagens quer dizer, em português, desejo de viajar. Mas, não simplesmente, um desejo, mas uma vontade incontrolável de se jogar no mundo. Escolha uma fonte bonita e voilá!”. Viajar ganha um caráter próximo da necessidade, uma vez que a vontade é incontrolável.

**Figura 2:** Tatuagens da palavra “wanderlust” são frequentes nas listas de inspirações.



“Wanderlust. Meu maior sentimento”, afirma a viajante **Martina Peres Vieira** que enviou pra gente essa foto tirada no cânion do Xingó | Foto: Arquivo pessoal.

Fonte: Disponível em: <https://www.mochileiros.com/blog/tatuagens-de-viagem>. Acesso em: 28 mai. 2024.

A ênfase para o termo em alemão se dá não apenas por sua grande apropriação por parte dos viajantes, mas também por ser uma ilustração pertinente para ajuizarmos os sentidos que as pessoas buscam invocar e os estilos de vida, segundo a noção de Giddens (2002), aos quais almejam se enquadrar. De acordo com o sociólogo, o conceito de estilo de vida deve ir além do senso comum e explorar as significações além do “consumismo superficial”: “[...] estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque

dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade” (Giddens, 2002, p. 79). As tatuagens, nesse sentido, se constituem como esses componentes das biografias e das identidades. Na abertura do texto no site *Vem pra ver*, temos: “Para alguns, viajar é um estilo de vida que precisa estar marcado na pele”. Um reforço sobre essa noção de vinculação ao grupo, construída também por meio das marcas na pele.

Os textos de apresentação nas publicações dos blogs e sites instigam reflexões em torno de nossas discussões. Destacamos os exemplos do *Viajoteca* e do *Mochileiros.com*:

Tem gente que é tão louca por viajar, que não deixa de mostrar o quão apaixonado por botar o pé na estrada é. E as memórias não estão mais só nas fotos, no caderninho de anotações, no blog, nos fóruns e nas redes sociais, elas estão na pele. São mapas, bússolas, citações, coordenadas gps, pegadas, cartões-postais, selos de passaporte, imagens ligadas à liberdade e tudo que possa simbolizar a infinita paixão por viajar (Mochileiros.com, 2013, s/p.).

Às vezes, a paixão por viajar é tão grande, que a lembrança não pode ficar somente no coração ou na memória, é preciso deixar marcado na pele. E pesquisando por aí, descobri que vários amigos já fizeram lindas tatuagens de viagem pra gente se inspirar! Caso você esteja pensando em fazer uma tattoo de viagem, recomendo muito ver as fotos abaixo para ter ideias e entender as razões por trás de cada tatuagem de viagem! (Matthiesen, 2023, s/p).

As passagens trazem à tona alguns dos tópicos aqui trabalhados e remetem às três noções descritas por Miller (1994), quando fala em coisas, pessoas e tempo a partir de longevidade, identidade temporal e transitoriedade; trata da forte expressividade das tatuagens em meio às representações sociais e até mesmo tenciona os caminhos da memória e os impulsos da projeção de estilos de vida. Ambas os textos elaboram que a viagem é objeto de paixão. Emoção tão forte que transborda os limites das lembranças e precisa ganhar materialidade na pele. Nesse sentido, são componentes das histórias de vida dos sujeitos e, ainda que haja possibilidade de alteração ou apagamento, são algo permanente, registrado na pele e nos relatos afetivos.

Ademais, as marcas desses contatos com atividades turísticas se tornam mote de reconhecimento e valorização, haja vista a existência das listas abordadas. Se ainda existem estigmas e tabus relacionados às tatuagens, a apreciação de tais modificações corporais, sobremaneira na temática das viagens, fortalece a noção de uma mudança de mentalidade. Ainda no texto do *Viajoteca*, temos:

Fazer tatuagem é uma vontade que vem se tornando cada dia mais popular e não há como negar que é emocionante a idéia de deixar marcado no corpo momentos, emoções e lugares. Ainda bem, que antigos estereótipos que se criou sobre pessoas tatuadas vem caindo por terra! Então somos cada vez mais livres que tatuar o que bem entendemos e em qualquer lugar do corpo. Como curiosidade, há vestígios de povos tatuados desde 3.300 A.C. e as tatuagens continuam sendo usadas ao longo da história para identificação pessoal, rituais religiosos, marca de eventos importantes e tantos outros motivos (Matthiesen, 2023, s/p).



É pertinente a ponderação sobre as liberdades para se tatuar. Se as viagens turísticas têm como característica um afrouxamento do corpo social, a relação entre os dois atos se torna ainda mais significativa. Dant (2006), ao abordar a interação material, discute que há incorporação de capital material dos objetos por meio de sua relação com os corpos e que podemos sentir a existência por intermédio da mente e da imaginação, mas que é o corpo quem atua como veículo dessa experiência. Para ele, nossos compromissos com outras pessoas e outros objetos são sempre mediados pela corporeidade. Nesse sentido, o pesquisador trabalha com as análises de Merleau-Ponty (1962) sobre estar-no-mundo de maneira fundamentalmente corporificada, o que situa as pessoas em um mundo materialmente constituído por meio do corpo consciente e suas sensações (Dant, 2006, p. 18).

Um corpo consciente está no centro da experiência de uma civilização material e é o meio através do qual o cotidiano é vivido: “Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre outros objetos, um nexus de qualidades sensíveis entre outros, mas um objeto que é sensível a todo o resto, que reverbera todos os sons, vibra todas as cores, e fornece palavras com seu significado primordial através da forma na qual ele os recebe (Merleau-Ponty, 1962, p. 236 *apud* Dant, 2006, p. 18, tradução nossa).

Em sentidos semelhantes, refletindo sobre esse estar-no-mundo e como isso se reflete nos corpos, matéria da coluna Page Not Found, do jornal *Extra*<sup>4</sup>, apresenta os “tatuaristas”. Conforme o texto, o número de turistas que incluem tatuagens como parte de suas viagens vem crescendo. A partir de uma ilustração, é exposto:

Andy Glickman, morador da Filadélfia (EUA) fez uma tatuagem da estrela de David em uma viagem a Israel, onde mergulhou em sua herança judaica. Quando estava em Chiang Mai (Tailândia), ele recebeu nas costas uma tatuagem de Sak Yant esculpida por um monge budista, a fim de fortalecer sua espiritualidade. Em viagem a Los Angeles (Califórnia, EUA), o americano agendou um horário no estúdio da famosa tatuadora Katherine von Drachenberg. O cabeleireiro e instrutor de ioga, de 32 anos, é o que se convencionou chamar de “tatuarista”, viajantes que, em vez de ímãs de geladeira como souvenirs, levam para casa como lembrança uma tatuagem. Os desenhos, também, são uma forma de se conectar com os locais visitados — muitos deles, como significados especiais (Moreira, 2023, s/p.).

Desse modo, caracterizamos o termo articulado na matéria do *Extra*. Como discutimos, a materialidade da *tattoo* adiciona camadas às experiências de viagem e se torna uma ampliação delas: “Desenhos na pele viram souvenirs e são uma forma de se conectar com os locais visitados” (Moreira, 2023, s/p.). A tatuagem novamente aparece em equivalência a objetos

<sup>4</sup> MOREIRA, F. **‘Tatuaristas’**: cresce o número de turistas que incluem tatuagens como partes importantes de suas viagens. *Extra*, 18 jul. 2023. Page Not Found. Disponível em: <https://extra.globo.com/blogs/page-not-found/post/2023/07/tatuaristas-cresce-o-numero-de-turistas-que-incluem-tatuagens-como-partes-importantes-de-suas-viagens.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2024.



comumente tidos como lembranças de viagens, como chaveiros ou ímãs, e isso afiança nossa leitura da modificação corporal como elemento da cultura material. Os registros igualmente estabelecem vinculação e pertença. No que tange ao consumo, a matéria ainda menciona que o mercado turístico já se apropria da prática e inclui a tatuagem entre seus produtos ofertados.

Obviamente, a indústria do turismo iria captar a tendência e fazer negócios. Em 2019, a Moxy Hotels, uma subsidiária da Marriott conhecida por sua vibração jovem, contratou o tatuador Jonathan Valena, cujos clientes incluem Justin Bieber e Kendall Jenner, para uma residência exclusiva em seu hotel na Times Square, no coração de Nova York (EUA). Ofertas de cruzeiros a bordo da Virgin Voyages agora incluem uma loja de tatuagens com curadoria da World Famous Tattoo Ink, que possui meio milhão de seguidores no Instagram). Frank Webber, vice-presidente sênior de operações de frota da Virgin Voyages, teve a ideia depois de ir a um conhecido tatuador em Miami Beach e descobrir que os clientes vinham antes ou depois de um cruzeiro para comemorar suas férias (Moreira, 2023, s/p.).

As práticas ora tidas como excêntricas se tornam quase convencionais. Recebem a formatação de um produto e estão amplamente disponíveis. Além disso, o caráter da tatuagem como adorno distintivo e objeto de influência igualmente fica assinalado com a escolha de profissionais que já tatuaram celebridades. O comportamento dessas pessoas famosas muitas vezes é balizador de condutas, sendo apreciado e, com isso, imitado. Ao fim, são mais reforços sobre o valor positivo atribuído às viagens. Fica a evidência dessa dinâmica em nossa cultura do consumo.

Traçando os caminhos para encerrar nossas análises, lembramo-nos das reflexões aqui construídas em relação ao estudo de Walsh e Tucker (2009) acerca da materialidade das viagens de “mochilão”, com o intuito de descrever como esses objetos estariam implicados na produção de um “mundo dos mochileiros”. Os autores examinam a mochila no domínio da representação e da experiência e, dessarte, chegam à corporeidade atrelada: o objeto se reinventa de acordo com quem o carrega e isso enfatiza o caráter relacional da materialidade.

**Figura 3:** Exemplos de tatuagens de “mochileiros” no site *Vem pra ver*.



Fonte: Disponível em: <https://vempraver.com.br/tatuagens-para-amantes-de-viagens>. Acesso em: 29 mai. 2024.

No texto do site, há a seguinte caracterização: “Cada um tem o seu estilo de viagem. O mochileiro tem um bem específico: gosta de se aventurar, de dormir em hostel e conhecer gente nova de vários lugares do mundo... E o mochilão que ele vive a levar nas costas é a grande representação desse estilo de vida (Maciel, 2019, s/p.). O objeto tem forte representação alegórica e elabora os contornos de uma categoria de viajante, tipificada por símbolos e atos de consumo.

Walsh e Tucker (2009) reafirmam a noção de que precisamos nos lembrar das “coisas”, sustentando a visão de Miller de que o material é o social e vice-versa. Ademais, para os investigadores neozelandeses, essas “coisas” têm papel fundamental para a compreensão de uma sociologia do turismo. Conforme ainda observaram no estudo, a performance simbólica da mochila permite inferir que mochileiros são pessoas independentes, corajosas, jovens, com vitalidade, liberdade etc.

Em uma dimensão positiva do imaginário arquitetado, poderíamos apontar que as tatuagens ligadas ao universo das viagens extrapolam a ideia de registro de uma experiência e se aproximam desse valor distintivo. A partir do que destacamos em nossa análise exploratória dos blogs e sites, os textos, assim como as imagens ilustrativas, podem denotar que aqueles viajantes que possuem tais marcas na pele são aventureiros, corajosos, “descolados” e, dessa maneira, constroem uma diferenciação perante o amplo universo de representações. Giddens afirma que quando as pessoas acumulam objetos, elas acumulam “ser” (Giddens, 1994 *apud* Walsh; Tucker, 2009) e, se consideramos as tatuagens como parte da cultura material, nos termos aqui tratados, é possível afirmar que elas são coprodutoras de sentidos e relações

sociais, especialmente em relação ao permanente processo de construção das identidades, de nosso habitar o mundo a partir das vivências corpóreas.

### Considerações finais

O trajeto para uma melhor compreensão das funcionalidades e expressividades do corpo, aliado à referência das técnicas maussianas e às discussões sobre a relação entre artefatos e relações sociais debatidas com a cultura material traz destaque ao debate em torno das transformações corporais e, em especial, da tatuagem. Contemporaneamente — ainda que o conhecimento histórico e dos rituais dos grupos primeiros já revelem riqueza de significados em torno da prática — tal procedimento de modificação ganha novos sentidos, pois vem rompendo o estigma da marginalidade e tem seu uso bastante ampliado.

Os múltiplos significados da corporeidade humana podem, dessa maneira, ser associados aos sentidos das identidades e são fortemente relacionados aos fenômenos das subjetividades, como o pertencimento, o reconhecimento e as diferenciações que se quer projetar para o universo social, em que a imagem e o status apresentam centralidade. Sendo assim, importa salientar, ainda mais nesse contexto, que o corpo extrapola suas funções biológicas, pois possui amplo valor simbólico.

Enquanto principal via de contato com a exterioridade e sua diversidade, funciona como meio de representações, veículo de discursos e vetor para expressão de emoções, dentre muitas características que ainda poderiam ser atribuídas ao pensar no campo social. Ademais, é possível observar maior exposição das subjetividades, com uma crescente espetacularização de si e em especial dos corpos, que podem ser vistos como objetos de consumo. Em razão dos modelos que se deseja promover com nosso corpo social, passa a existir um padrão almejado, construído pelos valores estéticos e culturais que poderosamente circulam pela mídia.

As discussões aqui realizadas apontam para as tatuagens ligadas ao “mundo dos viajantes” como interessante mecanismo de construção de identidades e diferenciações. Tatuados, esses sujeitos seriam ainda mais aventureiros, corajosos, livres e “descolados”. A materialidade da tatuagem em seus corpos é capaz de evocar esses múltiplos sentidos.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I. M. Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (Orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Lisboa: Assiro e Alvim, 2004.

BERGER, A. A. What objects mean: an introduction to material culture. New York: Routledge, 2016.

BERGOL, L. Tatuagem de viagem: 90 ideias para sua *tattoo*. **Malas pra te quero**, 2020. Disponível em: <https://malaspraquetero.com.br/tatuagem-de-viagem-delicada>. Acesso em 28 mai. 2024

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DANT, T. Materiality and society. **British Journal of Sociology**, v. 57, n. 2, p. 289-308, 2006.

DE BOTTON, A. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

FENELON, V. 50 fotos de tatuagem de viagem para que é apaixonada pela estrada. **Dicas de mulher**, 2023. Disponível em: <https://www.dicasdemulher.com.br/tatuagem-de-viagem>. Acesso em: 28 mai. 2024

FERREIRA, V. S. A permanência da tatuagem na fugacidade do mundo contemporâneo. **O Mais Profundo é a Pele. Coleção de tatuagens 1910-40**. Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Museu do Design e da Moda (MUDE), Coleção Francisco Capelo, 2017. p. 210-221.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S.; Evans, J.; NIXON, S. (Ed.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage; The Open University, 2013.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004.

MAIS de 50 ideias de tatuagens para quem ama viajar. **Mochileiros.com**, 2013. Disponível em: <https://www.mochileiros.com/blog/tatuagens-de-viagem>. Acesso em: 28 mai.2024.

MACIEL, F. 20 tatuagens para amantes de viagens. **Vem pra ver**, 2019. Disponível em: <https://vempraver.com.br/tatuagens-para-amantes-de-viagens>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MATTHIESEN, M. Tatuagens de viagem – idéias, mapas, desenhos e modelos. **Viajoteca**, 2023. Disponível em: <https://www.viajoteca.com/tatuagens-de-viagem>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MILLER, D. **Artefacts and the meaning of things**. New York & London: Routledge, 1994.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SIQUEIRA, D. C. O. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: SIQUEIRA, D. C. O. (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

WALSH, N.; TUCKER, H. Tourism 'things': the travelling performance of the backpack. **Tourist Studies**, v. 9, n. 3, 223-239, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

## NOTA DO AUTOR

### Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

### Endereço para correspondência

Rua São Francisco Xavier, 524, 2º andar, Bloco F – Maracanã – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

**Submissão:** 31/12/2024

**Aceite:** 29/01/2025